

Uma mistura fascinante

Entre os 479 deputados que chegam a Brasília estão 169 parlamentares da região Sudeste, 132 da região Nordeste, 82 da região Sul, 56 da região Norte e 40 da região Centro-Oeste, incluindo aí os novos representantes de Rondônia, que virou estado. Nenhum estudo foi feito para tentar estabelecer uma correspondência entre esses números e as origens dos habitantes de Brasília. Mas os senhores parlamentares, principalmente os novos, podem estar certos de que o mosaico regional espelhado pelas representações estaduais no Congresso se repete no Distrito Federal.

Certamente o maior número de contrerriões residentes em Brasília vieram do Nordeste - construíram Brasília e suas cidades-satélites, onde mora a maioria. Grande parte veio do Rio de Janeiro, já que originalmente era a capital federal. O idioma falado em Brasília não tem adjetivo, mas talvez até mesmo pelo grande poder da televisão, esta linguagem esteja próxima da falada no Rio de Janeiro. Cidade que não é mais cosmopolita que Brasília.

Nas últimas eleições, mais de 137 mil brasilienses solicitaram suas folhas de votação para a capital e, certamente, alguns dos senhores foram eleitos também com estes votos. A maioria, pouco mais de 20 mil eleitores - foram cariocas; depois mineiros - 20 mil - e em seguida os piauienses - mais de 14 mil - seguidos dos cearenses - 13 mil e quinhentos.

Mas Brasília também tem mais de 430 mil títulos eleitorais que até hoje não tiveram a menor utilidade. E essa população, que rompeu seu cordão umbilical com sua cidade de origem (o número de jovens nascidos em Brasília em idade de votar ainda é reduzido, já que só 30% da atual população de um milhão e meio de habitantes nasceu em Brasília) aceitou a nova Capital, mas ainda não formou uma identidade precisa entre seus vários tipos regionais, por faltar uma história comum, uma consciência "construtora" de sua cidade. Por faltar, basicamente, participação política voltada para a comunidade.

UM POUCO DA HISTÓRIA

Essa é uma das considerações feitas por Maria de Souza Duarte em sua tese sobre "Educação pela Arte numa cidade Nova", que em algumas semanas estará nas livrarias de todo o País. Retirando alguns trechos de seu trabalho pode-se traçar um pouco da história que fala da formação e da cultura do que é hoje o brasiliense.

"No planejamento inicial de Brasília (...), era preciso considerar que a cidade seria fruto da transplantação de brasileiros de todas as regiões do País para o Planalto Central, trazendo cada um suas crenças, valores, comportamentos e modos de vida. E seria principalmente através de oportunidades de desenvolvimento cultural que uma população composta inteiramente por migrantes poderia se "integrar", colocar-se conscientemente como "construtora" da sua cidade".

Buscava-se uma "cultura candanga". Mas os desvios foram muitos e principalmente aqueles provocados pelo impacto político da nova rota que passou a ser imposta ao país nas décadas de 60 e 70. "Talvez chegasse a ser ingênuo", comenta Maria Duarte, "pensar que um harmonioso planejamento do espaço e disciplina-

mente do seu uso permitissem alterar estruturas ditadas pela nossa história, pela nossa cultura, por nossa situação sócio-político-econômica".

O ESPAÇO

Brasília tem também repercussões ao nível psicológico, diz Maria Duarte em seu trabalho e cita: "Trouxeram um índio para visitar Brasília, Rio e São Paulo; de volta a sua aldeia lhe perguntaram o que mais tinha gostado, ele disse que de Brasília, "Porque tem mais longe". A pessoa que vem de uma cidade tradicional já está limitada na sua visão de espaço, tem que readaptar sua visão, isso dá medo. Uma criança que nasceu aqui é meia índia (...) tem uma noção de propriedade de espaço que a criança que veio do Rio e São Paulo não tem. Isso influi na cosmovisão, na apropriação do espaço individual, nas relações, na escolha da profissão..." (Paulo Cunha, 1981).

Os que vieram para Brasília, comenta Duarte, tiveram que readaptar não apenas sua visão especial, mas também sua rede de relações familiares, afetivas, profissionais. Junte-se, as repercussões psicológicas e sociais disso, tudo o que advém da situação dos migrantes - tanto as pessoas que estão transitoriamente na cidade - enquanto ocupam um posto - quanto as pessoas que vêm para tentar melhorar o padrão de vida. E o processo de migração reflete-se em mudanças no comportamento dos que vivem esse processo. Modificam-se as relações familiares, que passa a ser baseada na família nuclear, a mulher é mais liberada, menos "vigilada".

CANDANGOS

Nesse processo de transferência, nos primeiros tempos, o regionalismo foi um primeiro passo para construir uma nova rede social. Nesse contexto surgiu a Casa do Candango, símbolo de integração dos vários tipos regionais, que teve início com a ação do Frei Demétrio. Ele servia, à noite, uma sopa aos candangos que ceegavam em caminhões e eram despejados na porta da igreja em número cada vez maior.

Esse primeiro fato deu origem a outro: a Festa dos Estados uma espécie de Feira da Providência, do Rio de Janeiro - que reúne no inverno seco de Brasília todos os contrerriões, que se divertem nas barracas dos seus Estados, de modo a angariar recursos para a Casa do Candango.

Diversas representações estaduais em Brasília buscaram materializar centros de convívio e auxílio aos migrantes de suas regiões. E o caso da Casa do Ceará, e do Centro de Tradições Gaúchas - CTG. A troca mensal da Bradeira Nacional no mastro do Eixo Monumental, que é patrocinada, por vez, por cada representação estadual e uma força militar, alternadamente, é outra manifestação de tentativa de juntar, pelo menos uma vez por mês, as pessoas de uma mesma região em torno de um objetivo comum.

Mas a população de Brasília não é só de brasileiros. Tem gente de todas as partes do mundo. Não só por causa das representações diplomáticas. Inúmeros asiáticos e europeus optaram por Brasília como local para viver. O que proporciona uma cozinha regional e internacional diversificada.

MISSA E MÚSICA

Maria Duarte percebe que "a falta de canais de participação social, as repercussões da situação do migrante, as lendas referentes a Brasília como a sede do Terceiro Milênio fazem a cidade ser apontada como a Capital do misticismo nacional. Um número incontável de religiões cultos e seitas é representado em toda a área do Distrito Federal. Ao lado das tradicionais, novas religiões estão se formando aqui. E é curioso que uma cidade de população jovem, alto índice de escolaridade e sede do poder da república seja a capital dos místicos".

Em sua conclusão Maria Duarte comenta que todas essas peculiaridades fazem de Brasília uma cidade muito discutida e que desperta sentimentos contraditórios: "Moro numa cidade onde as ruas são eixos. As pessoas são cargos. Os lugares são satélites. As praças são o poder. Os carros são todos pretos. O pingente anda de Grande Circular. E as pessoas ainda cismam de me dizer que isso é o sonho do D. Bosco" (CCAF, Expoarte, 82).

Muitos buscam a partir de Brasília uma visão universal e sua materialização e entendimento. De uma maneira geral só ficam conhecidas fora da Capital as obras artísticas não regionais, apesar de sua alta qualidade. Talvez pela dificuldade que Brasília teve todos esses anos de consolidar simpatias, já que aqui estava a sede do poder (impopular) e da censura, lembrou um jornalista em um depoimento sobre a cultura local.

Mas aqui muito se faz pela cultura local. São iniciativas isoladas e individuais, já que o Estado patrocina eventos caros e pouco atraentes ao grosso da população. E antes que os senhores parlamentares se habituem a se movimentar na cidade, por seus eixos e asas, vale a pena conhecer um pouco da obra de um baiano que até agora só tem feito música sobre a vida brasiliense: Renato Matos.

"Um telefone é muito pouco": um telefone é muito pouco/prá quem ama como um locu/ e mora no Plano Piloto/Se a garota que o cara ama/tá pra lá do Gama/ mata de desgosto/e ele fica dentro dum pijama/em cima da cama/comendo biscoito/e a televisão com seus programas/que não tem mais chama/prá quem tá afoito/ e ele foge para a Asa Norte/tropeçando em ratos que saem do esgoto.

"Guará 1 e 2 via eixo": a menina que eu amo/me deixou para depois/porque eu moro no Guará um/e ela mora no Guará dois. A menina que eu amo/já não vejo a mais de um mês/porque eu moro no Guará um/ e ela mora na Dabliu três. Elas de lá e eu de cá/tão sozinho/jornal não vou aguentar/ai que frio/palavras cruzadas pra mim já não dá/neste caminho/entrego a paixão à sorte/contemplo o Paranoá Norte/cruzando o eixão pelo meio/olho por sinal vermelho/e volto para as Guarirobas.)

"Brasília é uma cidade amorável e amorosa. Os poucos que conseguem entender a cidade e o seu mistério são pessoas que entendem o amor. Talvez por terem o horizonte sempre à sua frente... Talvez por ter a concretude do só e do imenso... Talvez por ser a cidade uma espécie de paradigma da abertidão. (Marcílio Farias, Sou e estou nº 3/81).